

FMI lembra custo social

Washington — O diretor-gerente do Fundo Monetário Internacional (FMI), Michel Camdessus, disse que os países que empreendem uma política de modernização das estruturas econômicas recomendadas pela própria entidade não devem descuidar das consequências sociais que estas podem ter.

O custo social das reformas estruturais começou a ser exposto por dirigentes latino-americanos. Ninguém conhece o número exato de desocupados na América Latina, mas a Cepal estima que, desde o início da crise da dívida externa, o número de pobres aumentou em 42 milhões.

“O fator mais importante no período de transição econômica é a criação das redes de segurança social, comuns no Ocidente para atenuar os efeitos do desemprego, dando apoio aos desempregados

e diminuindo o custo humano imposto pelos programas de reformas estruturais aos setores sociais mais vulneráveis”, disse Camdessus.

A Cepal, Comissão Econômica para a América Latina, assinalou que “os dados disponíveis geralmente revelam que o aumento do desemprego na década de 80 não foi proporcional à contração da atividade econômica”.

Camdessus acrescentou que um dos objetivos básicos do FMI “é dar aos pobres razões convincentes para esperar um faturamento melhor para a aplicação de nossas energias, de forma ir-restrita”. Para cumprir este objetivo, o FMI tenta persuadir todos seus membros a adotarem o tipo de programas que, “à luz de uma longa experiência, se revelaram eficazes para obter a prosperidade duradoura”.